

Guerra do Paraguai (Aspectos Sumários)

*Manoel Soriano Neto**

RESUMO

O artigo aprecia, em tópicos sumariamente formatados, os principais aspectos da Guerra do Paraguai. Comenta, ao final, as interpretações de tom marxistas do fato histórico, cujas teses contesta.

PALAVRAS-CHAVES

Solano Lopes, Tríplice Aliança, revisionismo histórico.

ANTECEDENTES E CAUSAS DE GUERRA

• Causas Remotas:

Antagonismo político-econômico entre Assunção e Buenos Aires, acentuado desde a criação do Vice-Reinado do Rio da Prata;

- fatalismo geográfico que contribuiu para o isolamento do Paraguai e a adoção de políticas voltadas para dentro, a fim de o país depender o mínimo do exterior;

- antagonismo hispano-português, revivido na América do Sul, no choque entre bandeirantes e jesuítas e na desconfiança paraguaia quanto aos desígnios expansionistas do Brasil e da Argentina;

- objetivo geopolítico paraguaio de criar o *Paraguai-Maior*, com a anexação

dos territórios indígenas da região, reconstituindo-se o antigo *Império Teocrático dos Jesuítas*, que assegurasse a influência guarani na Região do Prata e a obtenção de uma saída para o mar;

- o exotismo do Brasil monárquico cercado de repúblicas, o que avivava a hostilidade paraguaia para com o nosso País, agravada pelas idéias *liberais* de Solano López, hauridas na França, onde viveu.

• Causas Imediatas:

- questão da livre navegação dos rios da Bacia do Prata, aguçada com a recém-surgida navegação a vapor, decorrente da Revolução Industrial;

- intervenção do Império brasileiro em favor de Venâncio Flores, do Uruguai;

* Coronel de Infantaria e Estado-Maior. Sócio-titular do IGHMB.

- frustração de López pela recusa de sua intermediação no conflito Brasil-Uruguai;
- a ocupação militar da Ilha Martin Garcia pela Argentina, contrariando interesses geopolíticos paraguaios e uruguaios;
- aprisionamento do navio brasileiro *Marquês de Olinda*, que conduzia o Presidente da Província de Mato Grosso, no Rio Paraguai.

A GUERRA

• As Invasões Paraguaias:

- invasão paraguaia no Mato Grosso ocorreu em dezembro de 1864, levada a efeito por duas fortes colunas que agiram simultaneamente; em quinze dias, o invasor controlava a região de fronteira e as praças de Coimbra, Corumbá, Miranda, Nioac e Dourados; a memorável epopéia da *Retirada da Laguna* reflete, gloriosamente, o que foi a reação brasileira para repelir a invasão;

- López decide também invadir o Rio Grande do Sul e a Argentina, até porque este país não permitiu o livre trânsito de tropas paraguaias em seu território para que invadissem o Brasil;

- a invasão do solo brasileiro ocorreu no sudoeste do Rio Grande do Sul, atingindo as cidades de São Borja, Itaqui e Uruguaiana.

• O Tratado da Tríplice Aliança

Assinado em 1º de maio de 1865, foram seus signatários o Brasil, a Argentina e o Uruguai.

O tratado visava, fundamentalmente, a uma aliança ofensiva/defensiva contra o

governo do Paraguai e ao acerto de medidas tendo em vista as operações militares.

• As Ações Aliadas

1ª Fase - Da batalha naval do Riachuelo à retomada de Uruguaiana:

- a Batalha do Riachuelo, travada em 11 de junho de 1865, é considerada um dos pontos de inflexão da guerra. Ela foi decisiva para a derrota do Paraguai, que ficou isolado e com insignificante poder naval;

- definida a superioridade aliada na dimensão naval do conflito, deu-se a retomada de Uruguaiana, em 18 de setembro de 1865.

2ª Fase - A contra-ofensiva aliada:

- a travessia do Rio Paraná, em abril de 1865, marcou o início das ações aliadas em território paraguaio. Isso se deu pelo estabelecimento de uma *cabeça de ponte* na Região de Passo da Pátria, com a queda do Forte de Itapiru e prosseguimento até a região de acampamento em Tuiuti;

- numa tentativa de retomar o terreno perdido, as forças paraguaias investiram contra os aliados. Então, a 24 de maio de 1866, na batalha de Tuiuti (para nós, a batalha dos Patronos), considerada a maior e mais sangrenta da história da América do Sul, foram destroçadas as melhores tropas do Exército paraguaio, tendo os exércitos aliados empregado, pela primeira vez, conjuntamente, as Armas de Infantaria, Cavalaria e Artilharia. Diga-se, por ilustrativo, que nessa batalha - a única ação ofensiva de grande vulto, executada pelos paraguaios, López, o *Napoleão do Prata*, inexplicavelmente não usou uma ainda forte reserva (10 mil

homens) que se encontrava nas matas, defronte ao local da refrega, não empregou a sua Artilharia, e, atitude gravíssima, não esteve presente, junto às tropas, no campo de batalha, fatos auspiciosos para os aliados e extremamente desafortunados para os guaranis;

- o que ainda garantia a resistência paraguaia eram as suas magníficas fortalezas, que barravam a penetração ao longo dos rios, além de selvas e pântanos existentes em todo o teatro de operações. A estratégia aliada, nessa fase da guerra, era simples: dominar as vias fluviais e encurralar o inimigo em seu próprio território.

3ª Fase - Da tomada de Humaitá à conquista de Assunção:

- após um período de estagnação, Caxias assume o comando das operações, em novembro de 1866; sua primeira preocupação foi melhorar a estrutura de apoio às tropas: armamento, condições sanitárias, suprimento, comunicações, instrução etc.;

- Caxias, após obter suficiente suporte logístico, isolou, por uma manobra de cerco, a Fortaleza de Humaitá, a principal do sistema defensivo paraguaio, sobre o Rio Paraguai, fazendo cair o objetivo militar que deteve, por dois anos, os aliados. A ultrapassagem e a conquista desse fortíssimo baluarte significaram a perda da capacidade defensiva estratégica dos paraguaios;

- após Humaitá, os aliados se defrontaram com as fortificações apoiadas no Arroio Piquissiri. Caxias concebeu o ousado plano de ultrapassá-las, desviando-se do rio através de uma estrada de quase 11km, construída sobre o Chaco (outu-

bro/novembro de 1868), a fim de surpreender a retaguarda profunda do inimigo, cortando a ligação que este mantinha com Assunção;

- obtido o sucesso nessa manobra, teve lugar a *Dezembrada*, chamada de *blitzkrieg brasileira*, que foi um conjunto de batalhas ocorridas em 1868: de Itororó (6/12), Avaí (11/12), Lomas Valentinas (21 e 27/12) e a rendição de Angustura (30/12); o Exército paraguaio é vencido de forma inapelável;

- em 1º de janeiro de 1869, os aliados entram em Assunção; adoentado, Caxias dá por encerrada a *grande guerra* e comunica ao Imperador, Dom Pedro II, que o inimigo está derrotado, solicitando a sua substituição do comando em chefe de nossas tropas.

- 4ª Fase - A Campanha da Cordilheira:

- apesar do êxito da *Dezembrada*, a guerra não chegou ao fim, pois López teimava em dar prosseguimento às operações. O Marechal Gastão de Orleans, Conde D'Eu, assume o comando das tropas brasileiras, imprimindo grande rapidez às operações de perseguição ao inimigo, apesar das sérias deficiências em nossos suprimentos, em especial quanto à alimentação;

- após a *Dezembrada*, o chefe paraguaio empreende uma fuga para o Norte, em direção às cordilheiras de Amambay e Ubaracayú. No período, ocorreram as batalhas de Peribebuí e Campo Grande (agosto de 1869);

- em 1º de março de 1870, na Região de Cerro Corá, deu-se o último combate (na verdade, um *entrevero*) da guerra, quando morreu Solano López.

CONSIDERAÇÕES RELEVANTES ACERCA DA GUERRA

• A Guerra do Paraguai foi uma guerra moderna, de transição, entre o período napoleônico e a Primeira Guerra Mundial, podendo até se ombrear, guardadas as proporções, à Guerra da Secessão norte-americana, posto que foi a mais importante do subcontinente sul-americano.

• Ocorreram manobras estratégicas de larga envergadura, ofensivas, como a *manobra de flanco* (para a conquista de Humaitá), a *marcha de flanco* para contornar as posições paraguaias de Piquissiri e a *Dezembrada*, a par de manobras defensivas (como foi, para os aliados, a batalha de Tuiuti, de 24 de maio de 1866), as primeiras, características do tempo de Napoleão e as últimas, correntias na Primeira Guerra Mundial.

• Houve o emprego de *operações combinadas* (Marinha e Exército) como na transposição do Rio Paraná e no ataque a Curuzu, também precursoras das *operações anfíbias* da Segunda Guerra Mundial.

• Fez-se limitado uso de aeróstatos (balões cativos, fruto da visão vanguardista de Caxias), para o reconhecimento do terreno a partir de Tuiuti, com vistas às manobras para a conquista de Humaitá, eis que não existiam cartas ou mapas da desconhecida e inóspita região de operações, nem guias confiáveis.

• A Engenharia (basicamente a brasileira) foi larga e eficientemente empregada, mormente quando da construção da *Estrada do Chaco*, bem como na transposição de obstáculos naturais ou construídos pelo inimigo, e também junto à Artilharia (construção de posições dessa Arma).

• A Artilharia brasileira recebeu e soube bem empregar os recém-lançados (1855) canhões *La Hitte*, raiados, de maior alcance e precisão e que apresentavam considerável volume de fogo, comparados com os anteriormente existentes.

• A imprensa foi constantemente utilizada pelos beligerantes, para a difusão de informações e doutrinação. A Tipografia Móvel de nosso Exército editava um pequeno jornal, *A Saudade*, quando do longo período de acampamento em Tuiuti e, posteriormente, em Assunção, após a ocupação dessa capital. As tropas paraguaias recebiam *El Semanário*, órgão oficial do governo, e editavam, de maneira rústica, três periódicos: *El Centinela*, *Cacique Lambaré* e *Cabichui*. Todos eles desenvolviam intensa e convincente ação psicológica, estimulando o ardor combatente dos guaranis, em especial o *Cabichui* que também desencadeava caricata e feroz campanha difamatória contra os aliados, particularmente os brasileiros.

• A Marinha do Brasil foi de primordial importância quanto ao transporte de pessoal e à logística (os navios eram, muitas vezes, verdadeiras bases móveis de suprimentos, como na manobra de Piquissiri). A Força Naval proporcionou constante e eficaz apoio às operações terrestres e obteve pleno êxito nas operações navais encetadas, eis que dominou os rios Paraná e Paraguai, bombardeou e ultrapassou fortificações ribeirinhas do inimigo, forçando-lhes a passagem (Humaitá e Curupaiti), venceu a decisiva batalha do Riachuelo e repeliu várias tentativas de abordagem de corsários paraguaios (as canoas foram amiúde usadas nessas tentativas) e outros tipos de ações guerrilheiras, como a utilização de camalotes conten-

do artefatos explosivos, chatas, torpedos, brulotes etc. No transcorrer da guerra, o poderio naval brasileiro foi se fortalecendo, com o emprego dos *encouraçados* (que iam substituindo a *Esquadra de Madeira*) e a chegada dos *monitores*, construídos no Rio de Janeiro, produto de nossa potencialidade econômica e capacidade industrial - construção naval brasileira - vantagens que os demais países envolvidos no conflito não possuíam e nem tinham condições de possuir a curto prazo.

CONSEQÜÊNCIAS DA GUERRA

- **Para o Paraguai:**
 - o País teve o seu território mutilado e assaz devastado e grande parte de sua população, principalmente a masculina, morta;
 - fim da tirania de López;
 - definição das fronteiras paraguaias com o Brasil e a Argentina, e a livre navegação no Rio Paraguai;
 - derrocada econômica do País.
- **Para a Argentina:**
 - foi o Aliado que obteve as maiores vantagens econômicas. Muitos comerciantes - fornecedores civis - tiveram excelentes lucros com a venda de produtos para os exércitos (fardamentos, viveres, bois, cavalos, forragem etc);
 - resolução de questões de limites com o Paraguai;
 - posse definitiva da Ilha de Martin Garcia.
- **Para o Uruguai:**
 - apesar de ter sido o principal estopim da guerra, pouco se envolveu na cam-

panha militar (suas perdas foram pequenas em pessoal e material);

- o país permaneceu como um *Estado-tampão* entre Brasil e Argentina, mantida a sua independência.

- **Para o Brasil:**

- resolução de questões de limites com o Paraguai;

- resolução do problema da livre navegação dos rios da Bacia do Prata, em especial quanto ao Rio Paraguai;

- consolidação de sua política externa, de não permitir a reconstituição do Vice-Reinado do Prata;

- maior atenção dispensada às ligações com a Província de Mato Grosso, asseguradas com a livre navegação pelo Rio Paraguai e a então recente utilização dos navios a vapor;

- expansão das idéias republicanas, em face da influência das repúblicas aliadas, e intensificação da campanha pela abolição da escravatura, motivada pela significativa participação na guerra de escravos alforriados;

- grande endividamento externo, mercê de vultosos empréstimos feitos antes e durante o conflito;

- as Forças Armadas adquirem considerável prestígio pela vitória obtida e têm o seu moral altamente robustecido, despontando as suas mais caras tradições e místicas, hoje refletidas, por exemplo, nas denominações históricas de várias Organizações Militares do Exército e da Marinha.

APRECIACÖES FINAIS

O Brasil logrou concretizar todos os seus objetivos na sangrenta campanha,

quais sejam: a derrubada de Solano López, a resolução das questões de limites, a livre navegação nos rios da Bacia do Prata e a consolidação de sua tradicional política externa no *caldeirão platino* como dizia Gustavo Barroso.

A guerra, longa de cinco anos, foi por demais onerosa para o nosso País, que despendeu um esforço hercúleo, sob todos os aspectos. Foram levados para o conflito, durante o seu curso, cerca de 140 mil combatentes, ou seja, 1,6% da população de 8,5 milhões de habitantes de então (hoje - 1998¹ - corresponderiam a 2,6 milhões de homens), sendo desses, 12 mil da Marinha Imperial.

E o mais doloroso é que, além de incontáveis feridos e contusos, tivemos, aproximadamente, 33 mil mortos, correspondentes a 0,4% da população de 8,5 milhões de habitantes da época. Projetando-se esses 0,4% para uma população de 163 milhões de habitantes, é como se, durante cinco anos de guerra, tivéssemos 652 mil mortos (dados ainda referentes ao ano de 1998).

Podemos, outrossim, chegar às seguintes conclusões:

- a guerra pôs termo a três séculos de conflitos, antiga herança da metrópole às suas colônias e destas às novas nações surgidas pela independência que obtiveram;
- o Brasil foi o país, entre os aliados, que mais se sacrificou, sofrendo enormes perdas materiais e em pessoal combatente;
- a guerra foi provocada pelo ditador Solano López que almejava a criação de um *Paraguai-Maior*, com a anexação de territórios brasileiros, argentinos e uruguaios e uma saída para o mar;

¹ Trabalho elaborado nesse ano.

• há alguns anos, eram brandidas idéias revisionistas, muito em voga nos meios universitários, de que a Inglaterra armara os países aliados contra o Paraguai. Essa tese surgiu após a segunda década do século XX, quando, no Paraguai, iniciou-se um equivocado revisionismo histórico, que ganhou amplas proporções naquele país-irmão, com vistas à reabilitação de López (cujo maior apologista foi o escritor paraguaio Juan O'Leary) e que o transformou em mais um *herói das esquerdas*. Os aliados na Guerra da Tríplice Aliança, segundo os autores da mencionada tese, eram tidos como *lacaio do imperialismo britânico* e López e o Paraguai, *a encarnação do nacionalismo sul-americano*, o que foi muito potencializado após o lançamento do livro *Genocídio Americano*, do jornalista Júlio José Chiavenatto (Editora Brasiliense, SP, 1979), literatura que obteve enorme estrondo publicitário, promovido pelas esquerdas. A obra, verdadeira interpretação marxista acerca da Guerra do Paraguai, é eivada de inverdades e denigre o povo brasileiro, menosprezando-o, constantemente, em especial quanto ao seu valor combativo e aos seus mais insígnis soldados.

Também o historiador argentino León Pomer (lecionou na USP, em SP), muito citado no livro de Júlio Chiavenatto, foi um dos pregoeiros dessa tese de fundo ideológico. León Pomer, com grande honestidade e coragem, fez, recentemente, uma autocrítica, refazendo a sua opinião a respeito de idéias por ele antes defendidas, como a de que a Inglaterra armara e financiara, intencionalmente, os países da Tríplice Aliança contra o pequeno e *indefeso* Paraguai. Tal *mea culpa*

foi publicada em alentada e histórica reportagem, de título *Novas lições: historiadores revêem tese de que o país de Solano López teria sido uma Cuba do século XIX, derrotado pela aliança militar do Brasil com a Argentina e o Uruguai*. (Folha de São Paulo de 09.11.1997).

História é verdade e justiça e, como tal, devem os historiadores manter uma postura isenta, imparcial, não atrelada a ideologias e a caprichos pessoais. Afirmar que a Inglaterra (ao início da beligerância, até rompida com o Brasil por causa da *Questão Christie*) tinha enorme interesse no pujante comércio paraguaio, em especial pelo algodão, matéria-prima necessária para o desenvolvimento inglês, em face da queda nas exportações norteamericanas, ocasionada pela Guerra da Secessão nos EUA, é uma sesquipedal distorção histórica, malevolamente difundida e não condizente com a análise moderna dos fatos. Hoje está provado, documentadamente, quão insignificante era, principalmente em termos de comércio, a economia do Paraguai, máxime em comparação com a do Brasil. Tanto que a Inglaterra veio a se suprir de algodão, justamente com o nosso País, com a Índia e o Egito...

O Brasil era, incontestavelmente, a potência econômica da América do Sul, isso constatado, nos dias hodiernos, por historiadores, economistas e estatísticos, estudiosos de nossa história, como nos dá conta já bastante farta e recente literatura a respeito do assunto.

Assim, não poderia haver o *equilíbrio no Prata*, tão propalado por López - o *Napoleão da Selva*, que transformou o seu país, na *Prússia da América do Sul*,

como era tachado o Paraguai, por vários publicistas da época. Tal *equilíbrio* jamais poderia ocorrer, mercê da indesmentível hegemonia brasileira em todas as expressões do poder nacional, a par de seu superlativo potencial demográfico, em relação aos demais países. Diga-se, que ao romper da guerra, desafortunadamente, o nosso Exército estava desprevenido: era reduzido (18 mil homens) e espalhado pelo imenso território nacional, ao contrário da Força Terrestre do Paraguai, que recrutou cerca de 70 mil homens para a campanha. Acontece que o Exército Brasileiro era muito mais profissional do que o paraguaio; era um Exército com uma multissecular tradição guerreira, herdada de Portugal (cuja Corte para aqui se transferiu em 1808), experiente, veterano e vitorioso em várias guerras sucessivas (1850, 1851, 1852, contra Oribe e Rosas) e em 1864, contra Aguirre do Uruguai, como tão bem nos ensina o eminente historiador militar, Coronel Francisco Ruas Santos; existiam muito boas Escolas Militares de formação, Oficiais de Estado-Maior, de 1ª e 2ª classes, Corpo de Engenheiros, Serviços de Saúde e Eclesiástico etc, pelo que os nossos Chefes militares eram bem melhor preparados do que os Chefes caudilhos, nossos vizinhos, à exceção de Mitre, da Argentina. Vários oficiais brasileiros foram instrutores do Exército paraguaio e construtores, como os engenheiros militares, das fortificações erigidas por López, com destaque para a de Humaitá, a *Sebastopol Sul-americana*.

Tanto que a partir de um reduzido núcleo, altamente profissional e adestrado, em curto espaço de tempo (cerca de

três meses) foi formada, com a convocação da Guarda Nacional e dos Batalhões de Voluntários da Pátria, uma inicial e eficiente *máquina de guerra*, que partiu para a campanha e foi crescendo ao longo da mesma, conseguindo vencer, apesar de inúmeros óbices, um inimigo aguerrido e obstinado. Houve, entretanto, algumas e graves vulnerabilidades, pois o Exército ressentia-se da falta de um Serviço de Transporte e Aprovevisionamento e não possuía a importância política da Guarda Nacional, fator este, aliás, preponderante e em razão do qual, o pequeno Paraguai não foi por nós dissuadido em deflagrar a guerra.

Refrise-se que as guerras eram bidimensionais e, na dimensão naval, a Marinha brasileira obteve a supremacia, após a batalha do Riachuelo.

Hoje, felizmente, a maioria dos historiadores já não vê o Paraguai de antanho, como *a mais desenvolvida, próspera e industrializada nação da América do Sul*, nem mais concorda com teses tendenciosas e inverídicas, de deturpação da História, como a de superestimar presumíveis interesses estrangeiros (Inglaterra, particularmente) e subestimar os nossos próprios, estes sim, os reais motivadores do conflito citados no início deste trabalho.

Por derradeiro, aduza-se que López provocou e quis a guerra, não levando em conta os sábios conselhos que, nas vascas da morte, lhe deu o seu pai, Carlos López. Mal avaliando o poder dos litigantes em particular o do Brasil; dispersando, estrategicamente em três direções (MT, RS e Argentina), grande parte de suas mais adestradas tropas, no início das operações; atuando, mediocremen-

te, nas raríssimas ações ofensivas que empreendeu, como nas duas batalhas de Tuiuti, López estava fadado a perder a guerra, de forma funesta, como ocorreu, restando, à posteridade, o venerável exemplo de patriotismo, abnegação, disciplina e heroísmo do bravo e sacrificado povo paraguaio.

Por que, então, imprecisar os integrantes da Tríplice Aliança da prática de *genocídio*, como teimam em fazer os profíctos da *teoria conspirativa da História*, sabendo-se que a guerra, desejada por López, foi rigorosamente travada consoante os preceitos bélicos da segunda metade do século XIX, não existindo *guerra limpa*?

Consigne-se, finalmente, por relevante ilustração, que dentre a vasta literatura que trata da Guerra do Paraguai, avulta de importância o livro *Guerra do Paraguai: Escravidão e Cidadania na Formação do Exército*, de Ricardo Salles, Edição Paz e Terra, SP, 1990.

A propósito, vejamos algo do que nos transmite esse autor, na referida obra:

Ver a guerra do Paraguai como uma necessidade do imperialismo inglês para garantir o livre comércio é, por um lado, superestimação grosseira do nacionalismo paraguaio e da cobiça inglesa e, por outro, uma subestimação dos interesses próprios da Argentina e do Brasil.

Hoje, quando mais do que nunca, urge que se exacerbe o orgulho nacional, não devemos subestimar ou até desconhecer os nossos mais lúdicos e soberanos interesses, cristalizados nos inegociáveis objetivos nacionais permanentes, muitos dos quais insculpidos no Artigo 4º da Constituição Federal. 🌐

BIBLIOGRAFIA

- ABENTE, Diego - *A Guerra da Triplice Aliança: Três Modelos Explanatórios*, A Defesa Nacional, Nov/Dez 1988.
- ANDRADE, Theóphilo de - *O Fim de uma Epopéia*, Revista *O Cruzeiro*, 24.03.1970.
- BARRETO LIMA, Flamarion - *Guerra do Paraguai*, ECEME (C Prep), 1969.
- CARVALHO, Luiz Paulo Macedo - *Periodização da História Militar*, A Defesa Nacional, 1º quadrimestre/2000.
- CHIAVENATTO, Júlio José - *Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai*, Ed. Brasiliense, São Paulo, 1979.
- DUARTE, Paulo de Queiroz - *Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai*, vários volumes e tomos, BIBLIEX, 1981.
- FRAGOSO, Augusto Tasso - *História da Guerra entre a Triplice Aliança e o Paraguai*, 5v., BIBLIEX, Rio de Janeiro, 1950.
- MACEDO, Nertan - *López, Herói da Esquerda*, Jornal do Brasil 15.03. 1988.
- MAYA PEDROSA, José Fernando de - *A Guerra da Triplice Aliança - Aspectos Históricos*, A Defesa Nacional, Set/Out 1989.
- O'LEARY, Juan E. - *Nuestra Epopéia, Guerra del Paraguai, 1864-1870*, Assunção, 1919.
- PEREIRA, Batista - *Civilização contra Barbárie*, A Defesa Nacional, Set/1928.
- POMER, León - *La Guerra del Paraguai. Gran Negocio*, Ed. Calden, Buenos Aires, 1968.
- Reportagem de *A Folha São Paulo*, 09.11.1997, de título: *Novas Lições: Historiadores revêem Tese...*
- RIBEIRO DE SENA, Davis - *A Triplice Aliança e a Estratégia Brasileira*, Revista do IHGB, Jun/1980.
- SALLES, Ricardo - *Guerra do Paraguai: Escravidão e Cidadania na Formação do Exército*, Ed. Paz e Terra, São Paulo, 1990.



Diretoria de Assuntos Culturais



Forte Duque de Caxias

Praça Almirante Júlio de Noronha,
s/nº Leme – CEP: 22010-020
Tels.: 2275-3122 e 2275-7696
Fax: 2275-0100
Visitação: sábados e domingos,
das 9h às 17h
Ingressos: R\$ 3,00
(incluindo transporte interno).
Crianças não pagam.